

Candidato tucano lamenta debate sobre as privatizações

Alckmin admite que debate sobre venda de estatais fragilizou sua candidatura

MARCOS SEABRA
SÃO PAULO

A campanha do candidato tucano à Presidência da República, Geraldo Alckmin (PSDB), sentiu o golpe ao ser acusado pelos adversários de "privatizador". "Acho até que nós erramos ao embarcar nas discussões sem conversar sobre o mérito, embarcamos em uma mentira", disse o ex-governador paulista, ontem durante sabatina realizada por jornalistas da **Folha de São Paulo**, ontem na capital paulista.

A cada resposta que correspondesse à sua própria plataforma de campanha, Alckmin recebia os aplausos da maioria da pequena platéia da sabatina, formada principalmente pelo staff de parlamentares do PSDB, como os deputados eleitos José Anibal, Paulo Renato e Zulaiê Cobra Ribeiro, além do vice-governador eleito, o deputado Alberto Goldman.

Após novamente desmentir que irá privatizar o Banco do Brasil, Petrobras e outras estatais, Alckmin defendeu a desestatização d Vale do Rio Doce, Embraer e o setor de telecomunicações. "Privatizações não serão minha prioridade e não pretendo vender ativos", defendeu-se Alckmin.

O ex-governador também reclamou das pesquisas de intenção de voto, ainda que sem desmenti-las. "Não contesto a parte científica, mas as consequências delas (pesquisas) que induzem e causam efeitos junto ao eleitorado", disse. Segundo o último levantamento efetuado pelo **Datafolha**, o candidato tucano aparece com uma desvantagem de 20 pontos percentuais em relação a seu adversário, o presidente e candidato à reeleição, Luiz Inácio Lula da Silva. Alckmin tem 40% das intenções de votos, contra 60% de Lula, levando-se em consideração apenas os votos válidos.

O candidato tucano disse ainda que pesquisas "negativas" desmobilizam seus correligionários. "Não é nem um balde de água fria, é uma cachoeira de água fria", disse Alckmin, ressaltando, porém, que isso não reduz suas chances na

disputa. Ainda assim, para ele a campanha deve ganhar novos contornos até domingo e as pesquisas devem apontar "novas oscilações". "Espero uma tensão maior nesta reta de chegada", avisou.

Perguntas mais delicadas e com possíveis efeitos negativos para sua campanha eram recebidas com vaia, xingamentos e a

acusação de que os jornalistas estavam protegendo Lula. Ao ser questionado de que forma cortaria gastos suficientes para equilibrar as contas federais, tema base em sua campanha eleitoral, Alckmin desconversou e não conseguiu detalhar onde faria os cortes. O ex-governador se limitou a repetir que implantaria o sistema de compras ele-

trônicas e outras pequenas modificações, mesmo sob o aviso de que cortes como os citados não seriam suficientes para equilibrar os cofres federais.

Ainda sob os possíveis cortes de gastos, o ex-governador disse apenas concordar com um de seus principais assessores econômico, Yoshiaki Nakano, de que é preciso zerar o déficit o

mais rápido. "Se vai fazer em quatro ou cinco anos não sei, quanto mais rápido melhor", afirmou sem mais detalhes.

Na semana passada, Nakano disse que o ideal seria um corte de R\$ 60 bilhões já no primeiro ano de governo. O assessor chegou a ser desautorizado pelo ex-governador nesse ponto.

De concreto, mas confuso, o ex-governador afirmou que, se eleito, fará modificações na política cambial, especial no que diz respeito à intervenções da autoridade monetária na tentativa de segurar a cotação do dólar. "Hoje o governo age de forma a impedir artificialmente a desvalorização do dólar e acaba pagando juros altos por isso."

O candidato do PSDB prometeu novamente que, se eleito, enviará uma emenda constitucional ao Congresso para acabar com a reeleição, mas ressaltou que a mudança na regra não valeria para os chefes do Executivo vencedores desta eleição. "Você não muda a regra que já foi estabelecida, você muda para o futuro. Eu começo dando o meu exemplo, fazendo um bom mandato de quatro anos e tirando essa regra", disse Alckmin.

O tucano argumentou que acabar com a reeleição já em 2010 seria um desrespeito aos governadores eleitos este mês.



Geraldo Alckmin